

POLEIROS DA CORUJA-DE-IGREJA (*Tyto furcata*) EM PAISAGENS AGRÍCOLAS NA PLANÍCIE COSTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

DIEGO DA SILVA SOUZA¹; ARIANE FREY MACHADO²; THAÍSA PAPARAZZO²;
ANA MARIA RUI³

¹Programa de Pós-graduação em Biologia Animal, Universidade Federal de Pelotas –
dieguito.eco@gmail.com

²Ciências Biológicas Bacharelado, Universidade Federal de Pelotas.

³Laboratório de Ecologia de Mamíferos e Aves, Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética,
Universidade Federal de Pelotas – ana.rui@ufpel.com.br

1. INTRODUÇÃO

Atualmente o planeta vive uma onda global de perda de diversidade orientada principalmente pelas atividades humanas (DIRZO et al., 2014), sendo que as aves rapinantes não são uma exceção (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2016). A coruja-de-igreja, *Tyto furcata* (Temminck 1827) (PIACENTINI et al., 2015), é uma ave rapinante da família Strigiforme que possui uma ampla distribuição no continente americano. A espécie ocorre em uma grande variedade de habitats, principalmente em ambientes abertos, como campos e savanas, além de ambientes antropizados como pastagens e áreas urbanas nos quais apresenta uma notável adaptação (e.g nidificação em construções humanas) (MARTI et al., 2005; RODA, 2006).

A espécie não faz parte da lista de espécies ameaçadas, constando na IUCN como baixa preocupação (LC) (BIRDLIFE INTERNATIONAL, 2016), porém é de grande importância tratar da sua conservação visto ser um predador de topo de cadeia e ter papel relevante dentro das cadeias tróficas (ASKEW et al., 2007). Trabalhos realizados globalmente mostram o declínio das populações da espécie em áreas agrícolas (ASKEW et al., 2007), mas para o Pampa não existem trabalhos avaliando suas populações.

O sul da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil, se encontra na região fitoecológica do bioma Pampa denominada Formações Pioneiras, caracterizada por lagoas costeiras e formações campestres sobre terreno arenoso (CORDEIRO; HASENACK, 2009). Nos últimos anos, grande parte de sua formação foi convertida para a agricultura com atividades como pecuária, silvicultura, cultivo de grãos e concentra hoje uma das mais intensivas áreas de produção de arroz do mundo (CORDEIRO; HASENACK, 2009). Assim como em outras áreas agrícolas ao redor do mundo, a alteração da paisagem para o uso agrícola pode estar alterando os habitats e consequentemente a estrutura das populações da coruja-de-igreja.

Diante da problemática exposta, o objetivo deste trabalho é avaliar os tipos de poleiros e habitats utilizados pela coruja-de-igreja (*Tyto furcata*) no sul da Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil.

2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado no município de Rio Grande (32°32'19"S, 52°32'19"O), entre os meses de setembro de 2016 e setembro de 2017. Para localização dos abrigos das corujas, foram realizadas visitas a propriedades rurais ao longo da BR 471, localizadas entre a área urbana do município de Rio Grande e a Estação Ecológica do Taim (ESEC Taim). Os proprietários/ gestores foram entrevistados sobre a presença de corujas e revisadas as instalações das

propriedades. Foram realizadas visitas mensais, onde foi avaliada a presença das corujas-de-igreja através de visualização direta ou registros indiretos, tais como restos alimentares, penas ou informações repassadas pelas pessoas que frequentam os locais. Foi gerado um banco de dados com coordenadas geográficas, característica principal da paisagem num raio de 3 km² (referente a área de vida estimada para a espécie) (DEVKAR, 2009) e foi descrito o tipo de local utilizado como abrigo. Foram registradas informações referentes ao número de indivíduos utilizando os poleiros, uso para reprodução, alimentação ou abandono (poleiros abandonados seguiram sendo monitorados durante o desenvolvimento do estudo). Foi também avaliada a intensidade de perturbação humana nos poleiros monitorados. Foram definidas três categorias para a perturbação: 1. nula (ausência total de presença humana); 2. baixa (baixa frequência de uso humano e/ou ausência de sons e movimentação) e 3. alta (intensa movimentação de uso humano e/ou sons de maquinários).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De 33 locais visitados em 15 foram encontrados poleiros (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1: Localização, características da paisagem e dos poleiros utilizados pela coruja-de-igreja na Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil.

Poleiro	Coordenada geográfica	Característica principal da Paisagem	Característica do poleiro
P01	32°11'40"S; 52°26'24"O	Lavoura de arroz	Galpão utilizado como oficina para máquinas agrícolas
P02	32°14'39"S; 52°29'32"O	Lavoura de arroz	Galpão de armazenagem de insumos agrícolas e secador de arroz
P03	32°20'45"S; 52°32'45"O	Lavoura de arroz e pastagem	Galpão utilizado como garagem de máquinas
P04	32°20'52"S; 52°32'25"O	Lavoura de arroz e pastagem	Silo de armazenagem de arroz
P05	32°21'25"S; 52°34'15"O	Lavoura de arroz	Galpão utilizado como oficina para máquinas agrícolas
P06	32°24'24"S; 52°33'12"O	Lavoura de arroz	Silo de armazenagem de arroz
P07	32°29'33"S; 52°34'56"O	Lavoura de arroz, áreas naturais* e ocupação humana	Forro de Igreja
P08	32°30'19"S; 52°35'03"O	Lavoura de arroz, áreas naturais* e ocupação humana	Silo de armazenagem de arroz
P09	32°32'18"S; 52°32'20"O	Áreas naturais*	Galpão utilizado como garagem de veículos
P10	32°32'18"S; 52°32'20"O	Áreas naturais*	Galpão abandonado
P11	32°41'01"S; 52°36'32"O	Áreas naturais* e pastagem	Silo de armazenagem desativado
P12	32°44'00"S; 52°38'30"O	Lavoura de arroz	Silo de armazenagem de arroz

cont. Tabela 1: Localização, características da paisagem e dos poleiros utilizados pela coruja-de-igreja na Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil.

P13	32°18'41"S; 52°32'35"O	Lavoura de arroz	Silo de armazenagem de arroz
P14	32°22'04"S; 52°37'24"O	Lavoura de arroz	Galpão de armazenagem de insumos agrícolas
P15	32°21'46"S; 52°36'12"O	Lavoura de arroz e pastagem	Galpão de armazenagem de ração para gado leiteiro

* Áreas naturais= Áreas úmidas, campos secos e/ou matas de restinga.

Tabela 2: Descrição do uso dos poleiros pela coruja-de-igreja na Planície Costeira do Rio Grande do Sul, Brasil. Alimentação (A); Reprodução (R)

Poleiro	Nº de indivíduos	Permanência	Alimentação/ Reprodução	Intensidade de perturbação humana
P01	2	Todo o ano	A; R	Alta
P02	2	Todo o ano	A; R	Alta
P03	3	Todo o ano	A; R	Baixa
P04	2	Todo o ano	A; R	Alta
P05	3	Todo o ano	A; R	Alta
P06	2	Primavera	-	Baixa
P07	1	Todo o ano	A	Alta
P08	1	Primavera e Verão	-	Baixa
P09	1	Menos inverno	A	Baixa
P10	1	Menos inverno	A	Baixa
P11	1	Todo o ano	A	Nula
P12	1	Primavera	-	Alta
P13	2	Todo o ano	A; R	Alta
P14	2	Todo o ano	A; R	Alta
P15	2	Todo o ano	A	Alta

Em relação à localização dos poleiros, cerca de 75% se encontram em áreas de produção agrícola e associados às construções humanas estabelecidas nesses locais. Esse dado evidencia que, na Planície Costeira, as corujas-de-igreja estão utilizando as áreas antropizadas, assim como em outras paisagens com características semelhantes e com intensiva produção agrícola (CHARTER et al., 2012; KROSS et al., 2016).

Quanto ao uso dos poleiros, cerca de 70% foram utilizados durante todo o ano. Destes, 60% foram utilizados por casais, sendo que desses, 80% foram utilizados tanto para alimentação quanto para reprodução. Poleiros utilizados apenas para alimentação foram os que apresentaram episódios em que as corujas-de-igreja deixaram o local por algum período.

Os resultados quanto à intensidade de perturbação humana nos locais onde os poleiros estão localizados mostra que em 85% dos poleiros em que há reprodução existe também uma alta perturbação e que esta não tem evitado que as corujas-de-igreja se reproduzam nesses locais.

A taxa de abandono dos poleiros foi considerada baixa (13%), influenciada principalmente por intervenção humana. Por questões logísticas um poleiro não pode ser avaliado durante os 12 meses.

4. CONCLUSÕES

Em uma escala local foi possível observar que as corujas-de-igreja estão utilizando as áreas de paisagem agrícola e abrigos antrópicos na Planície Costeira do Rio Grande do Sul tanto para alimentação quanto para reprodução. Os dados obtidos demonstram que a espécie é tolerante a presença humana e perturbação em seus abrigos. Mais estudos são necessários para avaliar a dinâmica das populações da espécie na região e os serviços ambientais que essas podem desempenhar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASKEW, N. P; SEARLE, J. B e MOORE, N. P. Agri-environment schemes and foraging of barn owls *Tyto Alba*. **Agriculture, Ecosystems and Environment**, n. 118, p. 109–114, 2007.

BIRDLIFE INTERNATIONAL. *Tyto alba*. The IUCN Red List of Threatened Species. 2016. Acessado em 09 de outubro de 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-3.RLTS.T22688504A86854321.en>.

CHARTER,M; LESHEM,Y; MEYROM,K; PELEG,O; ROULIN, A. The importance of micro-habitat in the breeding of Barn Owls *Tyto Alba*. **Bird study**, 59, p. 368-371, 2012.

CORDEIRO, J. L. P; HASENACK, H. Cobertura vegetal atual do Rio Grande do Sul. In: PILLAR, V. da P; MULDER, S. C; CASTILHOS, Z. M. S; JACQUES, A. V. A.(Ed). Campos Sulinos – Conservação e uso sustentável da Biodiversidade. **Brasília, MMA**, 403 p, 2009.

DEVKAR, R. V. Episodes of unnatural injury and death of Barn Owls (*Tyto alba*); a warning call. **Current Science**, 96, v.02, 2009.

DIRZO,R; YOUNG, H. S; GALETTI,M; CEBALLOS,G. ISAAC,N.J.B e COLLEN, B. Defaunation in the Anthropocene. **Science**, 345, 401, 2014.

KROSS, S. M; BOURBOUR, R. P; MARTINICO, B. L. Agricultural land use, barn owl diet, and vertebrate pest control implications. **Agriculture, Ecosystems and Environment**.n. 223, p. 167–174, 2016.

MARTI, C. D; BECHARD, M. J; F. M, JAKSIC, F. M. F.M. Food habits. In: BIRD, D. M; BILDSTEIN, K. L.(Eds.). **Raptor Research and Management Techniques**. Hancock House, Blaine, WA, 464 p, 2005.

PIACENTINI, V. DE Q. et al. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Revista Brasileira de Ornitologia**, n. 23, v.2, p. 91-298, 2015.

RODA, S. A. Dieta de *Tyto alba* na Estação Ecológica do Tapacurá, Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**. n.14, p. 449-452, 2006.